



EDUCAÇÃO FÍSICA E INCLUSÃO: UM OLHAR SOBRE AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

¹Luciano Ramos; ²Cláudio Marques Mandarinino

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo analisar as práticas pedagógicas inclusivas nas aulas de Educação Física no Ensino Fundamental. A coleta de dados foi feita com alunos de uma turma do terceiro ano do Ensino Fundamental de uma escola pública municipal e sua respectiva professora de Educação Física. No referencial teórico, abordamos, através de importantes autores que se dedicam ao tema, a questão da importância e necessidade da inclusão nas aulas de Educação Física. Os dados coletados na pesquisa qualitativa, de cunho etnográfico, obtidos através das observações das aulas e da entrevista com a professora, originaram as seguintes categorias: 1 - Práticas pedagógicas que promovem a inclusão; 2 - Dificuldades na implementação das práticas de inclusão; 3 - Inclusão do aluno especial a partir da participação nas atividades da aula. A análise dos dados mostra atividades práticas de inclusão, mas, especialmente, a ausência delas nas aulas de Educação Física da turma observada. E, ainda, denotam a falta de preparo de todo o corpo docente da escola para trabalhar com a temática da inclusão. E, nas considerações finais, abordamos a importância de trabalhar a inclusão nas aulas de Educação Física, bem como de melhor preparar os futuros profissionais da área.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino; Educação Física; Inclusão; Diferença

ABSTRACT

¹ Graduado em Educação Física Licenciatura, cursando Bacharelado em Educação Física - Universidade do Vale do Rio dos Sinos;

² Doutorando em Educação- PPG/UNISINOS; Mestre em Ciências do Movimento Humano - EsEF/UFRGS; Professor da Universidade do Vale do Rio dos Sinos; Professor da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre.



This research aimed to analyze the inclusive teaching practices in physical education classes in elementary school. Data collection was done with students in a class of third year of elementary school to a public school and their respective teacher of Physical Education. In the theoretical framework, we approach through major authors who are dedicated to the subject, the question of the importance and necessity of inclusion in physical education classes. The data collected in qualitative research, ethnographic, obtained through observations of lessons and interviews with the teacher, gave the following categories: 1 - pedagogical practices that promote inclusion; 2 - Difficulties in implementation of inclusive practices; 3 - special student Inclusion from the participation in the activities of the class. Data analysis shows practical activities include, but especially the lack of them in Physical Education class observed. And also show the lack of preparation of all school faculty to work with the theme of inclusion. And the conclusion, we discuss the importance of working inclusion in physical education classes, as well as to better prepare future professionals.

KEYWORDS: Education; Physical Education; Inclusion; Difference

RESUMEN

Esta investigación tuvo como objetivo analizar las prácticas de enseñanza de diseño en las clases de educación física en la escuela primaria. La recolección de datos se realizó con los estudiantes en una clase de tercer año de la escuela primaria a una escuela pública y su respectivo maestro de Educación Física. En el marco teórico, nos acercamos a través de los principales autores que se dedican al tema, la cuestión de la importancia y necesidad de la inclusión en las clases de educación física. Los datos recogidos en la investigación cualitativa, etnográfica, que se obtiene a través de observaciones de clases y entrevistas con el maestro, dieron las siguientes categorías: 1 - Prácticas pedagógicas que promuevan la inclusión; 2 - Las dificultades en la implementación de prácticas inclusivas; 3 - Inclusión estudiante especial de la participación en las actividades de la clase. Análisis de los datos muestra las actividades prácticas incluyen, pero sobre todo la falta de ellos en



la clase de Educación Física observó. Y también muestran la falta de preparación de todos los profesores de la escuela para trabajar con el tema de la inclusión. Y la conclusión, se discute la importancia de la inclusión de trabajo en las clases de educación física, así como para mejorar la preparación de los futuros profesionales.

PALABRAS-CLAVES: Educación; Educación Física; Inclusión; Diferencia

INTRODUÇÃO

A Educação Física se apresenta como um elemento capaz de promover a integração e a socialização na escola, pois se compõe de instrumentos que permitem que a participação de todos os estudantes seja possível, desde que as práticas sejam direcionadas e elaboradas para tal finalidade.

Este artigo é fruto da pesquisa elaborada durante o curso de graduação, intitulada “As aulas de Educação Física, um olhar sobre as práticas pedagógicas inclusivas”, teve por intenção observar e aprofundar o tema da inclusão a partir das práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores para com seus alunos nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Assim, investigar a questão da inclusão nas aulas de Educação Física dos anos iniciais do Ensino Fundamental de uma escola pública, além de identificar como o assunto vem sendo abordado e trabalhado para este público, com o qual muitos dos graduados no curso de Educação Física irão trabalhar, também é uma forma de contribuir para a formação dos professores da disciplina, uma vez que a universidade é o local mais propício para formação de conhecimento e modificação da realidade escolar através da pesquisa e contribuição desta para a sociedade. Diante disso, encontramos o seguinte problema de pesquisa:

Como as práticas pedagógicas utilizadas por professores nas aulas de Educação Física nos anos iniciais do Ensino Fundamental podem proporcionar maior inclusão no ambiente escolar para os alunos?

A presente pesquisa originou-se a partir da participação na disciplina de Inclusão e Estratégias de Ensino, juntamente à realização dos estágios curriculares do curso de



Educação Física, que me possibilitaram perceber as (diferentes) atuações de professores nas suas práticas docentes. Somando-se a isso, a inquietação despertada ao observar alunos que não necessariamente possuíam alguma necessidade especial, mas que, de alguma maneira, não conseguiam participar com a mesma energia que os demais ou tão somente participavam, fato que me despertou inquietação e reflexão a respeito de entender o porquê disso, bem como o que poderia ser feito para que todos os alunos pudessem sentir-se partícipes das aulas de Educação Física. Juntando-se esses elementos, acrescento os conceitos formados ao cursar a disciplina de Inclusão, que determinaram e enriqueceram a intenção de realizar tal pesquisa.

Diante desses fatos, destaca-se que esta investigação representa um importante conjunto de conhecimentos a serem explorados, trazendo elementos novos ao debate acadêmico e possibilitando aprofundar os estudos nesta temática, traçando possibilidades de intervenção docente a partir de um novo ponto de vista educacional.

REFERENCIAL TEÓRICO

As construções pedagógicas desenvolvidas por professores enquanto docentes de uma turma representam muito mais que a transmissão de conhecimentos e sim sua visão e percepção sobre a realidade em que estão inseridos. Compreendendo esse pensamento, a Educação Física se coloca no contexto escolar como um agente capaz de promover mudanças e propor as discussões necessárias na escola com relação às práticas desenvolvidas nas aulas e à possibilidade de promover uma escola mais acolhedora e inclusiva.

Partindo dessa compreensão, buscamos estudos relacionados a esta temática a fim de construir um referencial norteador para o presente estudo, que possibilite fazer as observações de campo e traduzir os dados encontrados em respostas que preencham as inquietações originárias desta pesquisa.

Pensando as práticas pedagógicas na Educação Física, o professor deve “olhar e ver a imagem e as emoções do outro em nós refletida e nos inquietarmos para a construção de uma transformação social” (Lima, p. 16), buscando, assim, estabelecer um senso norteador



na construção das suas aulas, procurando desenvolver possibilidades de atividades que contemplem os diversos desafios recorrentes nas turmas e que também “façam as devidas mediações em suas práticas pedagógicas considerando a alteridade com o olhar da diferença, como eixo educativo” (Lima, p. 17).

Ampliando uma visão sobre todo âmbito escolar (LIBANEO, 2001) nos diz que é preciso revitalização do senso ético, chegando a todos os grupos sociais com ações cotidianas na escola, e buscando, assim, fazer com que todos exerçam sua função de sujeito, fomentando condições e momentos para que as aulas se transformem em um momento de ascensão, ser sujeito e participante da sociedade procurando utilizar construções pedagógicas capazes de tal efeito, as “questões das práticas de si ganham potencialidade, pois numa continuidade, com a possibilidade de expressar suas experiências nas aulas de Educação Física”(Mandarino, 2012 p. 62), os alunos desenvolvem condições possíveis ao encontro da autonomia dos indivíduos e possibilidade integração ao coletivo.

Procurando estabelecer condições capazes de interpretar esta realidade e perceber as construções estabelecidas no cotidiano escolar, Lopes, 2007, (In/Exclusão) nos apresenta um conceito de inclusão em que afirma que esta deve estar alicerçada na identidade, para ouvir e perceber os diversos participantes deste espaço, onde todos têm condições de acrescentar e ampliar o debate, propondo ou discordando, bem como gerando um campo amplo de formação de conhecimento e entendimento sobre esta temática.

Problematizando este debate e direcionando aos aspectos essenciais à Educação Física, “é necessário sabermos que formas de intervenção pedagógica o professor estabelece para que as aprendizagens aconteçam” (Mandarino, 2004 p. 37) e buscarmos, assim, perceber elementos de grande importância na construção de um pensamento norteador na elaboração de conceitos sobre movimentos “In/Exclusão” (Lopes, 2007). Outro ponto necessário a ser elencado transita pelo desenvolvimento e acolhimento dos alunos nas turmas escolares, “chamando atenção para as diferenças que compõem cada criança e a individualidade ganha destaque, passando a ser um elemento fortemente considerado na condução das condutas pedagógicas” (Lopes, Dal’igna, 2012 p. 858), que



necessita de um refinada percepção e direcionamento das atividades.

Partindo de uma concepção de necessidades existentes nos espaços escolares para trabalhar com os diversos desafios diários, é possível compreender que “o olhar do docente precisa ser formado, assim como próprio docente precisa ser reeducado para estar atento às particularidades que justifiquem o seu próprio comportamento e o daqueles com quem trabalha” (Lopes, Dal’igna, 2012 p. 858). Diante de tal constatação, é possível perceber a necessidade da abertura do campo visual por parte dos professores, principalmente pela forma de perceber as diferenças em sala de aula, buscando ampliar a reflexão sobre o incluir a todos se desprendendo de conceitos ultrapassados e inadequados sobre a questão.

Neste referencial, estão dispostos autores que correspondem à linha de pensamento estabelecido pelos pesquisadores como norteadora deste estudo, podendo ser agregados outros que se fizerem necessários para a compreensão clara dos resultados obtidos e categorizados na pesquisa que se desenvolverá.

ANÁLISE DOS DADOS

Rotina da Turma

A aula inicia com todos os alunos na sala de aula, todos se acomodam para realização da chamada. A chamada é feita em uma conversa da professora com os alunos, aonde os próprios alunos vão indicando quais não vieram na aula naquele dia.

Posteriormente, todos se dirigem para quadra poliesportiva da escola. Iniciam com atividade de alongamento, e, juntamente a esta atividade, são trabalhados os sentidos de direção (direita, esquerda, encima, embaixo) nos movimentos. Ex.: *mão direita leva ao pé esquerdo* e segura. Num segundo momento, a docente apresenta a atividade principal, sempre voltada à recreação, organiza a turma fazendo as diversas combinações necessárias e trabalha a atividade com os alunos, também ocorrendo, em várias aulas, mais de uma atividade principal, criando, assim, um núcleo principal. Posteriormente, em um momento de finalização da aula, a professora reúne os alunos em um círculo, sentam todos juntos, professora e alunos, e conversam sobre como foi a experiência para eles, quais as suas opiniões, se gostaram e se teriam a intenção de repeti-la em uma outra oportunidade. Esse



momento é também utilizado como um mecanismo para a volta à calma da aula de Educação Física, bem como tendo em vista que esta atividade é desenvolvida nos primeiros períodos da tarde.

Características da Turma

A turma, composta por 17 alunos, 10 meninos e 7 meninas, com idades entre 8 e 9 anos, apresenta uma forte e marcante característica de agressividade e de agitação. No decorrer das observações, foi possível perceber este ponto importante para uma análise mais aprofundada, revelando-se em diversos momentos em que ocorria desatenção por parte dos alunos nas explicações das atividades, principalmente no momento em que se dirigiam a parte externa da escola, e também nas brincadeiras de recreação ou nos esportes coletivos. Assim, no menor desentendimento entre os alunos, já ocorriam agressões físicas e verbais entre eles, sendo sempre necessária a intervenção da professora.

No grupo, há um aluno cadeirante, o Pedro, de nove anos, que é um aluno muito carinhoso com todos, demonstrando, nos diversos momentos da aula, sua amizade e carinho pela turma. É interessado em participar de todas as atividades propostas, porém torna-se impossível que ele participe de tudo que é proposto nas aulas em virtude das suas limitações físicas, tendo em vista as atividades propostas. Muito comunicativo e extremamente independente, busca sempre sua autonomia, mas, quando encontra dificuldade em realizar alguma tarefa ou deslocamento, pede ajuda aos colegas, que prontamente o auxiliam. Pedro possui um problema nas pernas que o impede de caminhar, mas permite que ele possa movimentá-las, de forma simples, apenas como exercício físico.

Ele acompanha os mesmos colegas desde o primeiro ano, fator este que também justifica o grande carinho demonstrado reciprocamente entre ele e os colegas.

Categorias para Análise dos Dados

Nas categorias definidas abaixo, apresentaremos trechos extraídos da pesquisa de campo, procurando a partir destas informações, realizar análises refletidas, explorando os recortes e somando-se as ideias trazidas pelos autores, na busca de



problematizar as situações encontradas, procurando apresentar direcionamentos futuros e olhares possíveis para as questões referentes à inclusão na escola.

- Práticas pedagógicas que promovem a inclusão

Atividade de adivinhação: Nesta atividade bastante lúdica onde um aluno para de frente para a turma e faz algum tipo de mimica para que os outros alunos adivinhem. Esta brincadeira é bastante apreciada por todos os alunos, onde todos

Fonte: Banco de dados da pesquisa; Observação de campo, aula do dia 10/03/15.

A interação da turma com ao aluno especial é bastante grande. Alguns colegas são muito solícitos com o aluno Pedro, ajudando-o sempre que é necessário.

Fonte: Banco de dados da pesquisa; Observação de campo, aula do dia 17/03/2015.

Alguns alunos são solidários ao colega especial, porém não acontece com todos. O aluno especial se coloca na intenção de se integrar ao grupo. Demonstrando ou por palavras ou por gestos.

Fonte: Banco de dados da pesquisa; Observação de campo, aula do dia 17/03/2015.

O aluno Pedro se mostra extremamente empolgado para realização das atividades. Interage com os colegas e a professora e demonstra muita alegria por estar participando.

Fonte: Banco de dados da pesquisa; Observação de campo, aula do dia 17/03/2015.

Fala da professora:
 “O Pedrinho está na cadeira e está ganhando de vocês”
 Neste momento ela faz esta fala para incentivar o aluno a continuar realizando a atividade.



Fonte: Banco de dados da pesquisa; Observação de campo, aula do dia 17/03/2015.

A professora estimula os alunos, não repreende um erro na atividade, mas estimula na próxima vez fazer melhor. Voltando a atividade e procurando demonstrar como fazer, para que os alunos recomecem a mesma.

Fonte: Observação de campo, aula do dia 17/03/2015.

Mesmo sobre a cadeira o aluno especial consegue fazer os alongamentos quase todos perfeitamente. Nos alongamentos em que isso não ocorre a professora ou algum colega o ajuda.

Fonte: Observação de campo, aula do dia 17/03/2015.

Nessa atividade o aluno especial se pendente muito para frente e quase cai da cadeira, quando a professora pergunta se ele está de cinto. O mesmo responde que não.

Dois coleguinhas correm para prender o cinto e demonstram preocupação com o colega Pedro.

Fonte: Observação de campo, aula do dia 17/03/2015.

Atividade: Passa-passará

Todos estão integrados normalmente, neste momento, não se percebe diferenças sobre ter ou não aluno especial. O aluno Pedro participa tranquilamente. Mesmo os alunos que vão saindo, continuam apoiando os outros colegas com gritos e palmas.

No final da brincadeira todos abraçam o ganhador, o cadeirante participa muito entusiasmado neste momento.

Fonte: Observação de campo, aula do dia 17/03/2015.

Ao observar estes recortes da pesquisa, é possível perceber possibilidades e oportunidades presentes no decorrer das aulas para a inclusão do aluno cadeirante nas



atividades que a turma desenvolve. Partindo da constante de que este aluno precisa ser incluído como alguém realmente capaz de desenvolver as atividades propostas, porém com limitações que necessitam estar permanentemente no pensamento do professor para que, quando da realização do seu plano de aula, possa levar em conta essas variáveis, para criar dinâmicas que proporcionem a participação do aluno especial como alguém realmente integrado nas ações da turma.

Ressalta-se, então, que, nos momentos em que tais elementos passam a não ser observados, o aluno especial acaba por não se fazer presente na aula de forma plena na realização das atividades proposta pelo professor. Diante disso, a diferença existente pela condição do aluno ser cadeirante representa a sua exclusão de participação de determinadas atividades pela forma como estas são elaboradas.

“A diferença não pode ser entendida como um estado indesejável ou impróprio. Ela inscreve-se na história e é produzida por ela” Lopes, 2007, (In/Exclusão).

Observando determinadas práticas, bem como através dos recortes coletados na pesquisa, percebe-se que, apesar do empenho para que ao menos em uma atividade de cada aula o aluno possa participar, atividades simples poderiam ser dinamizadas de maneira diferente, possibilitando que o aluno cadeirante participa-se sem qualquer dificuldade para a aula ocorrer, conforme (Mandarino, 2010), essas práticas possibilitam que o aluno participe de seu grupo, não seja encarado como alguém fora do contexto existente, mas sim um aluno muito capaz que precisa que sua dificuldade possa ser olhada por um olhar mais interessado na inclusão como elemento formador de uma sociedade igualitária e preponderantemente de cidadãos educados para um futuro igualitário e social.

Outro aspecto importante a ser observado refere-se ao fato do grande empenho por parte do aluno especial para participar das atividades, uma vez que o quadro atual em que está inserido não representa um modelo integrador, dependendo de alguma brincadeira recreativa esporádica para que possa ser inserido. Diante desses aspectos, em que o aluno se coloca em grande euforia quando alguma atividade da qual ele possa participar plenamente ocorre, segundo (Mandarino, 2004) é necessário sabermos que formas de intervenção pedagógica vamos usar para que se estabeleça a aprendizagem e a integração



na escola.

- Dificuldades na implementação das práticas de inclusão

Atividade pega-pega três passos: A atividade foi executada por todos, com exceção do aluno Pedro. Desenvolvida com dois pegadores, onde todos podem correr até o apito. Quando a professora apita todos param e os pegadores podem dar três passos para poderem pegar alguns alunos, o que for pego está paralisado até algum dos colegas vierem lhe salvar.

Fonte: Observação de campo, aula do dia 10/03/2015.

É muito difícil. Porque hoje assim é o terceiro ano que tenho inclusão na minha turma. Eu me sinto perdida na hora de trabalhar com eles. Na verdade tem que ser planejado separado, e tempo tu não tem e não foi ensinado com trabalhar com eles. Qual a abordagem usar e como desenvolver de maneira que ele realmente participe de verdade da aula. Tu não tens um exemplo de como tu vai trabalhar com eles.

Fonte: Banco de dados da pesquisa; entrevista com a professora, questão N° 3.

A atividade principal foi corrida em distancia, todos participaram com exceção de Pedro que apenas incentivava aos colegas. Quando a professora selecionava os participantes em duplas e questionava, quem vai agora? “Pedro logo se dispunha gritando Eu, Eu, Eu. Porém não tinha como. Nesta atividade os alunos são mesclados em duplas, baseando-se por tamanho, não diferenciando a questão de gênero. Mesmo sendo uma atividade que não mobilizava muito os alunos, todos estavam muito envolvidos. Determinado momento quando da vitória de um aluno Pedro fala em voz alta: me dá um abraço, mas não foi atendido.



Fonte: Banco de dados da pesquisa; Observação de campo, aula do dia 24/03/2015.

Corrida do ovo na colher. No momento em que a professora está organizando a atividade Pedro faz um comentário: “Eu estou louco pra começar minha vez”. Uma aluna pergunta se o Pedro não vai brincar? A professora fala que o Pedro já brincou bastante, mesmo ele não tem como brincar.

Fonte: Banco de dados da pesquisa; Observação de campo, aula do dia 24/03/2015.

Recreação é muito difícil, eu tento sempre fazer, buscar. Mas muitas vezes não sei como fazer para que ele também fique integrado na atividade. Se eu disser que sim, eu vou estar mentindo. Seria importante ter alguém voltado à área da inclusão que desse um suporte a gente.

Fonte: Banco de dados da pesquisa; entrevista com a professora questão N°6.

Pedro joga um jogo de cartas memória, alguns alunos interagem, enquanto que outra parte joga futebol e mais alguns brincam de pega-pega. Outros escalam uma árvore.

Todos se divertindo, porém sem nenhuma atividade proposta pela professora. Pedro me questiona: “Eu queria muito jogar bola, eu só fico na cadeira”

Fonte: Banco de dados da pesquisa; Observação de campo, aula do dia 02/04/2015.

Sinceramente nós não temos nenhum preparo para isso, nenhum professor não tem. A inclusão ela é imposta, nós temos que aceitar e nós não somos preparados para isso.

Todos os professores sentem a mesma dificuldade, acredito que ninguém está preparado para trabalhar com esse problema. Preparado para trabalhar com inclusão.

Fonte: Banco de dados da pesquisa; entrevista com a professora, questões N°2, 10.



Tem vários alunos e quando eles querem agitar uma turma eles conseguem. Daí ou tu cuidas destes alunos ou tu cuidas do resto da turma. Geralmente são alunos repetentes. Tem que colocar no castigo. Mas daí tu vais colocar sempre ele. Será que ele tem noção do que está fazendo. Então é algo que tu tens que procurar outras formas de interagir, para facilitar o teu trabalho.

Fonte: Banco de dados da pesquisa; Entrevista com a professora, questão n° 12.

Olha é bem difícil. Depois que os pais conversaram com ele bastante em casa, esta foi à primeira semana que ele fez mesmo uma atividade. Ele sempre começa e não termina. Ele faz qualquer coisa, mas a atividade não. Ele não aceita.

Fonte: Banco de dados da pesquisa; Entrevista com a professora, questão n°9.

Compreendendo as dificuldades observadas e relatadas pela professora, percebe-se uma infinidade de situações inseridas no contexto educacional, que, por sua vez, representa um elemento a mais na construção de práticas possíveis e viáveis para que uma situação de aproximação com igualdade de oportunidades se apresente nas rotinas diárias das aulas de Educação Física.

Refletindo sobre as construções pedagógicas utilizadas, percebe-se que, na sua grande maioria, não favorecem a inclusão do aluno cadeirante, bem como, juntamente a esse aspecto, é possível também perceber que outras inclusões possíveis, relatadas pela própria docente, também não são realizadas, uma vez que a turma apresenta diversos outros elementos que necessitam de igual atenção quando da elaboração de práticas inclusivas relevantes.

Os problemas apontados pelo professor em não ter suporte necessário e conhecimentos prévios sobre a temática inclusão podem, de alguma maneira, representar não somente a falta de conhecimentos técnicos no trato das questões inclusivas na realidade escolar, mas pode também ser uma fragilidade do professor e do sistema escolar como um todo perante a situação, é como se fosse o caos da diferença instaurado nas salas de aula. Não beneficia os agitados, os hiperativos, os diferentes, nem mesmo os rotulados



como “iguais”, porque ambos não usufruem e se beneficiam das aulas como teriam por direito.

“É necessário compreender que os professores e as professoras de Educação Física devem ter um compromisso com a sua prática pedagógica, que sejam educadores preocupados com a sua formação permanente, que sejam docentes de uma escola que promova discussões pedagógicas, que a escola pertença a uma rede de ensino preocupada com qualidade e atualização dos seus profissionais” (Mandarino, 2004, p 37-38)

“O docente da escola inclusiva não se encontra preparado para desempenhar a difícil tarefa a ele confiada” In/Exclusão (Lopes, 2007), está sozinho nesta questão, talvez não teve formação neste sentido, a escola como um todo precisa abraçar a inclusão, promover discussões com todo o seu corpo: professores, direção e outros profissionais que ali atuam. À Secretaria de Educação caberia promover palestras, fornecer conteúdo e cursos que melhor preparassem os professores e permitisse um espaço de discussão, troca de ideias, bem como apoio mútuo e desenvolvimento de projetos a serem disseminados nas escolas, visando promover a inclusão nas aulas de Educação Física, mas não só, também em todas as outras disciplinas e espaços escolares.

Segundo Lopes (2007), ao não conseguir lidar com essas questões oriundas da precariedade das políticas públicas e da falta de embasamento teórico e de experiências sólidas para lidar com as questões do diferente, o professor busca subterfúgios nas práticas de normalização, onde tenta e constrói suas dinâmicas e direciona suas aulas para estabelecer um padrão e encaixar todos neste modelo, esquecendo sua individualidade e característica particulares. Dessa maneira, suas atividades fogem totalmente de conceitos voltados à inclusão e suas ações determinam um distanciamento cada vez maior do eixo principal de suas obrigações, promover a atividade física respeitando as limitações e características pessoais dos alunos. Perdendo, assim, a grande oportunidade de incluir.

- Inclusão do aluno especial a partir da participação nas atividades da aula

Filme – apesar de ter sido atividade solta, com assunto desconexo da Educação Física, foi algo que despertou interesse, tratando de criatividade e ética. Ainda, ficou perceptível o quanto o aluno Pedro estava animado para a atividade, sentindo-se inserido e igual aos colegas.



Fonte: Banco de dados da pesquisa; Observação de campo, aula do dia 31/03/2015.

Eu me admiro como eles recebem ele bem, não sei se é por eles estarem com ele desde o primeiro ano, já estão convivendo com ele a mais tempo...Se ele precisar eles sempre estão dispostos a ajuda-lo, e isso é muito bacana.

Fonte: Banco de dados da pesquisa; Entrevista com professora nº 8.

Alongamento todos estão fazendo, porém Pedro não participou junto da atividade. Fez alguns alongamentos em separado. Novamente a professora teve que repreender a turma.

Fonte: Banco de dados da pesquisa; Observações de campo, aula dia 26/03/2015.

Atividade: Vôlei - Pedro quer participar, mas não é inserido.

Indo para o final da aula Pedro consegue participar no vôlei um pouquinho, passando a bola de mão em mão.

Fonte: Banco de dados da pesquisa; Observação de campo, aula dia 24/03/15.

Pedro questiona:

“Eu queria muito jogar bola”.

“Eu só fico na cadeira”

“Quero brincar de jogar”

Questiona novamente, demonstrando muita vontade de participar da atividade que é realizada. (Futebol)



Fonte: Banco de dados da pesquisa: observação de campo, aula dia 02/04/15.

Observando o transcorrer da aula, Pedro pergunta diversas vezes quando poderá participar, porém a atividade novamente nesta aula é futebol e pega-pega, desta maneira o mesmo não consegue ser inserido nas dinâmicas e fica apenas observando os colegas,

Fonte: Banco de dados da pesquisa: observação de campo, aula dia 07/04/15.

Entrando nas reflexões acerca dos apontamentos extraídos da pesquisa e procurando estabelecer conexões com a temática proposta, percebemos que o caminho a ser percorrido diante da realidade encontrada é bastante extenso. As distorções pedagógicas confrontadas com a plena intenção do aluno cadeirante em se fazer presente nas aulas demonstram uma problemática desenvolvida a partir de propostas trabalhadas nas aulas com um viés global que não se caracteriza pelo conceito de individualidade do aluno e sim por uma categorização única, resolvendo as dificuldades de inserção, com a exclusão do mesmo, pela dificuldade ou a impossibilidade de participar atividades proposta pelo docente.

“ A diferença, assim entendida, se dá na presença de cada um de nós. Ela altera a serenidade ou a tranquilidade daqueles que buscam se localizar na mesmidade” In/Exclusão (Lopes, 2007). Observando este entendimento como uma opção de direcionamento das aulas, é possível reconhecer que há estrutura escolar disposta ao professor para transformar suas aulas em grande instrumento de construções sólidas e capazes de desenvolver as capacidades motoras e intelectuais dos alunos, não somente ditos “normais”, uma vez que se instaura a exclusão dos demais que fogem de um padrão pré-estabelecido, mas sim todos que compõem sua classe, pois, quando entendemos que somos todos diferentes uns dos outros e procuramos estabelecer marcadores concretos nas construções pedagógicas que desenvolvemos, temos a condição de nortear nossas práticas de maneira inclusiva e abrangente, possibilitando que todos estejam inseridos.



Segundo (Lopes, Dal'igna, 2012), ao retirarmos os conceitos estabelecidos a partir de categorização em que o sujeito é aprisionado na concepção de “dentro” ou “fora”, admitimos que estamos todos em constante transformação, e que as experiências vivenciadas nos proporcionam uma alteração na maneira de interagirmos com o meio e com nós mesmos.

Larrosa (2000), ao trabalhar pelos conceitos foucaultianos de tecnologias do eu, apresenta possibilidades de problematizarmos as práticas pedagógicas que realmente transformam e direcionam as experiências vividas pelos alunos, permitindo que estes possam, por si próprios, julgar-se e desenvolver um juízo de valor sobre certo e errado, assim transformando suas experiências enquanto aluno e sujeito em algo agregador, que transforma e modifica a cada indivíduo inserido nas atividades propostas pelo professor. Assim sendo, as dinâmicas desenvolvidas pelo docente que agreguem valor a uma classe podem representar uma ferramenta muito mais ampla na inclusão. Porque trabalhadas de maneira transformadora, criarão conceitos que vão ficar incutidos no inconsciente coletivo destes alunos e se perpetuaram emanando estes pensamentos muito além das aulas, mas para sua vida. Podendo, assim, permitir que o conceito de que somos todos diferentes esteja mais inserido na sociedade.

Outro elemento de grande relevância para participação dos alunos especiais nas atividades das aulas trata-se da busca permanente por parte do docente de elementos que possam permitir que essas práticas aconteçam, se reciclando e acompanhado as novidades que possam permitir que ele aprimore e se aproxime de seus alunos cada vez mais. Não deixando que a acomodação e a desmotivação se acomodem no seu inconsciente e o façam desistir deste desafio, bem como “é necessário que o docente, enquanto adulto e mentor em determinado grupo, esteja e se sinta preparado para lidar com tamanha diversidade que hoje está presente nas aulas” (Dohms, Ramos, Stobäus e Mosquera, 2012, p. 17), procurando chegar até o aluno e interpretar o que acontece, não apenas o rotulando e, dessa maneira, se eximindo de suas responsabilidades. É necessário que se desenvolva novas alternativas para que realmente todos os alunos se sintam parte do grupo e também tenham a oportunidade de, de fato, desenvolverem a prática da Educação Física.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de todos os aspectos apresentados ao decorrer desta pesquisa, entendemos que este estudo conseguiu atingir seu objetivo, uma vez que tínhamos como principal meta investigar as práticas pedagógicas inclusivas em Educação Física. Diante de todo o cenário observado, encontramos muitos elementos que vimos como de extrema relevância para reflexões muito mais amplas, pois as práticas ressaltadas neste estudo demonstram um grande desafio para toda a comunidade escolar e a acadêmica, uma vez que detectamos problemas de formação de professores.

Assim, compreendemos que a questão da inclusão necessita de um esforço muito maior por parte da comunidade universitária, propondo possibilidades novas e mais amplas ao longo dos cursos de formação de professores para que esta temática seja mais debatida e trabalhada nos bancos acadêmicos.

Encontramos uma realidade muito destoante do que se espera de uma escola pública com relação à inclusão, onde o professor relata grandes dificuldades para estabelecer seus planos de aula e executá-los visando a inclusão, e afirma que desconhece premissas básicas na condução de atividades que possam incluir as diversas necessidades na sua aula. Também apresenta um estado de solidão quanto da discussão dessas dificuldades com seus pares e superiores, uma vez que não recebe qualquer orientação ou direcionamento para auxiliá-lo nas suas dificuldades.

Com relação ao problema de pesquisa, foi possível obter respostas necessárias para iniciarmos uma reflexão mais aprofundada, que buscou estabelecer um diálogo mais aberto com estudos anteriores e procurou também diagnosticar, através das categorias elencadas a partir das observações de campo, os entraves existentes nas práticas pedagógicas propostas pela docente que inviabilizam a inclusão de alunos com necessidades especiais nas aulas regulares de uma turma dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Com relação às categorias que foram criadas a partir dos dados coletados, relacionando com os objetivos, a primeira categoria está relacionada diretamente à forma como as aulas são pensadas pelo professor que possibilitam que o aluno especial participe



e se sinta efetiva e concretamente integrado às atividades. Na segunda categoria, se procurou observar e relacionar os elementos que impediam que a inclusão real do aluno nas práticas executadas pela turma, e, dessa maneira, percebemos as dificuldades e o desconhecimento por parte da escola e dos professores sobre a tarefa de incluir a todos os alunos nas aulas, especialmente o aluno cadeirante, e, conseqüentemente, foi possível também perceber, através da fala da própria professora da turma, que necessita de ajuda para enfrentar esta questão, e de conhecimentos mais efetivos da relação inclusão e Educação Física. Observando a terceira e última categoria, procurou-se estabelecer pontos importantes de reflexão relacionados aos conceitos de diferença, a fatores ligados à participação efetiva nas aulas e não somente como espectador e também da construção de um pensamento de que todos somos diferentes pelas nossas características únicas, e que precisamos difundir este pensamento desde os primeiros anos escolares na construção de um sentimento de respeito e aceitação e convívio para com todos, que permita a igualdade de possibilidades.

Finalizando, recomendamos que estudos posteriores possam buscar uma abrangência maior para que seja possível estabelecer um balizador deste quadro, apontando direcionamentos ainda mais completos para um trabalho de modificação desta realidade encontrada e também buscar complementar com questões mais amplas do ponto de vista ideológico sobre a relação da Educação Física com as práticas inclusivas, uma vez que entendemos que essas duas temáticas possuem uma grande afinidade, principalmente pela relação expressão corporal e atividade física, que se faz presente nas aulas e no contexto mais generalizado.

E, por fim, observando este presente estudo, percebemos que temos a necessidade de procurar o aprimoramento permanente dos docentes da área da Educação Física, para que possam exercer sua atividade na plenitude e que consigam se fazer presente na transformação da escola em um modelo que privilegia a total integração, e reunião das diferenças, integrando-as permanentemente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



CHICON, J. F, RODRIGUES. G. M. (Org). Práticas pedagógicas e pesquisa em Educação Física escolar inclusiva- Vitória, ES: EDUFES, 2011.

DOHMS, K. P. ; RAMOS, M. ; STOBÄUS, C. D; MOSQUERA, J. J. M . Docente e discente: interinfluências nos processos de ensino e de aprendizagem. Educação Por Escrito, v. 3, p. 16-29, 2012.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa/Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996

FERREIRA, M. S. Aptidão Física e Saúde na Educação Física Escolar: ampliando o enfoque. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 22, n.2, p. 41-54, 2001

LARROSA, J. “Tecnologias do eu e educação”. In: Silva, Tomaz Tadeu. O sujeito da educação. Petrópolis: Vozes, 1994, p.35-86.

LOPES, M.C.; DAL’IGNA, M.C. (Org.). In/exclusão nas tramas da escola. Canoas: ULBRA, 2007.

LOPES, M. C., DAL’IGNA, M.C. Subjetividade docente, inclusão e gênero. Educ. Soc, Campinas, v.33, p. 851-867, 2012.

MANDARINO, C. M. A Educação Física e a questão da Inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais. Revista da Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada, Rio Claro, v. 9, n.1, p. 35-38, 2004.

MANDARINO, C. M. Experiências de Si: A Poesia e a Narrativa como Estratégias Pedagógicas na Educação Física Escolar. Kinesis (Santa Maria), v. 30, p. 55-67, 2012.

MANDARINO, C. M. Inclusão e diferença: Tensionamentos e debates na formação acadêmica. Anais do V congresso sulbrasileiro de ciências do esporte. Itajaí, 2010.

TRIVINOS, A. N. S; NETO, V. M; GIL, J. M. S (Org). A pesquisa qualitativa na Educação Física: Alternativas metodológicas. Editora da UFRGS/ Sulina, Porto Alegre, 2004.